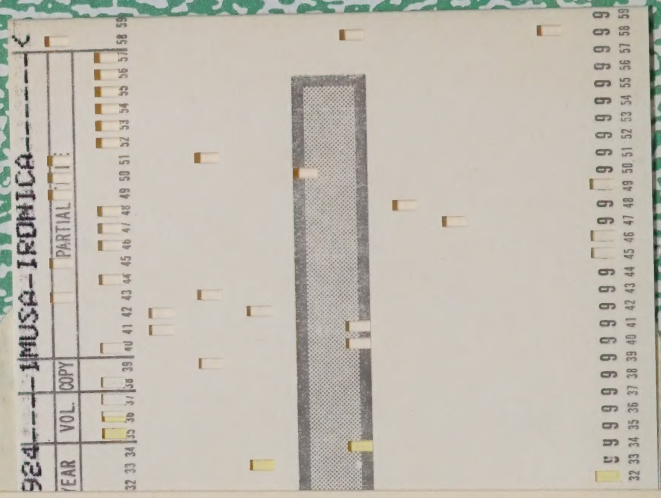
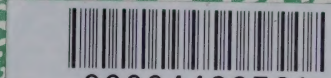
924 UMUSA-IRONICA
YEAR VOL. COPY PARTIAL



THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.C27
M8
1924




This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

| DATE DUE | RET. | DATE DUE | RET. |
|---|---|---|---|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Form No. 513,
Rev. 1/84

CAMPOS MONTEIRO

# MVSA IRÓNICA

LIVRARIA CIVILISAÇÃO-EDITORA
PORTO

ANTONIO LIMA

# MUSA IRÓNICA

Comp. e imp. na Imprensa Civilização
- - Rua das Oliveiras, 75 — PORTO - -

## DO AUTOR

### POESIA

**Arco-Íris** (esgotado).
**A Paixão de Ferrer,** poema.
**Versos fóra de moda** (2.ª edição, 3.º milhar).
**Musa Irónica** (2.ª edição, 5.º milhar).

### PROSA

**Neurastenia** (esgotado).
**Os Lusiadas anotados e parafraseados** (6.º milhar)..
**Miss Esfinge,** romance (2.ª edição, 6.º milhar).
**A oito dias de vista,** crónicas (2.º milhar).
**Saude e Fraternidade,** sátira politica (7.ª edição, 20.º milhar).
**Moeda corrente,** crónicas e contos (4.º milhar).

### TEATRO

**Os Filhos de Minerva,** peça em quatro actos (esgotado).
**A Promessa,** peça em verso, n'um acto.
**O Crime d'uma Mulher Honesta,** drama em 2 actos.
**Quando se amava assim,** peça em 3 actos, em verso (2.º milhar).

### Peças representadas mas ainda não impressas:

**O Segredo da Morgada,** opereta em 3 actos.
**Flor-do-Tojo,** opereta em 3 actos.
**A Rainha da Lacónia,** opereta em 3 actos.
**O Ramo de Perpétuas,** opereta em 3 actos.

### No prelo:

**Camilo Alcoforado,** romance em continuação de **Miss Esfinge.**

C
PBH
PQ9261
.C27
M8
1924

CAMPOS MONTEIRO

# MUSA IRÓNICA

MONÓLOGOS E CONTOS EM VERSO

(2.ª edição, correcta e aumentada)

O que faz a miopia. — Nunca mais!... — Amor de artista. — Os gatos. — A três quartos... — Outros tempos!... — O Cid. — O alardo da Villariça. — O doutor Pangloss. — A doença de Luzia. — O nenufar. — As barbatanas. — A matemática. — História telegrática. — A Repudiada. — Ninguem foge ao seu destino. — Os três ratos. — A torre de Komor. — As águas de Vizela. — Cheiro de santidade. — O flirt. — O amor. □ □

1924
—
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — EDITORA
—
*75, Rua das Oliveiras, 77*
PORTO

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

DOMVS MEA
EST
ORBIS MEVS

A Lourenço Cayolla

*com um grande abraço*
*de entranhada estima*
*e muito reconhecimento.*

# O que faz a miopia

A ANDRÉ BRUN.

# O que faz a miopia

Dona Mendanha Brabante,
mulher d'um barão feudal,
era tão linda e elegante
que não havia diamante
com brilho e pureza egual.

Só um defeito possuía
entre tanta perfeição:
desde criança sofria
de uma intensa miopia.
— Não há bela sem senão ...

Dom Telo Paes, seu marido,
que lhe tinha imenso amor,
n'outros tempos fôra tido
por um D. Juan destemido,
terrível conquistador.

Dos sessenta hoje já passa:
perdeu em beleza e fôrças.
Consola-se da desgraça
passando os dias na caça,
matando lebres e côrças.

Vieram dizer-lhe os criados,
um dia á hora da sésta,
que um lindo par de veados
fôra visto nos valados
que circundam a floresta.

Logo n'alma de Dom Telo
se acende a paixão fatal.
Manda selar seu murzelo,
e sôa pelo castelo
um halalí marcial.

Corre toda a famulagem;
vem Dona Mendanha, asinha:
— «*Senhor! Ides de romagem?*» —
— «*Á caça. É curta a viagem.*
*Voltarei pela tardinha.*» —

Ladra a matilha insubmissa
ao sol que doira a esplanada.
Desce a ponte levadiça.
E entre a poeira abafadiça
larga a trote a cavalgada.

Sôbre a sacada ogival
diz-lhe adeus Dona Mendanha.
Mas, como vê muito mal,
em vez de acenar p'ra o val'
acena para a montanha.

Quási no cume da serra
ergue-se o velho solar
de Dom Gil de Finisterra,
mancebo audaz que da guerra
acabava de chegar.

E ao ver o lenço agitar-se
n'aquela mão tão louçã,
Dom Gil correu, sem disfarce,
monte abaixo, a apresentar-se
á formosa castelã . . .

Passaram horas . . . Piedosa,
a noite, aos poucos, baixava,
quando no vale ecoava
a buzina sonorosa
do barão, que regressava.

Vinha Dom Telo ladeado
por dois possantes peões,
cada um com seu veado,
qual d'êles mais anafado,
de colossaes armações.

E emquanto Dom Gil saía
por uma porta secreta,
em baixo o barão dizia:
— «*Senhora! Que belo dia!*
*Uma caçada completa!*» —

— «*Emboras vos dou cordeaes,*
*pois tão bom caçador sois.*
*Em cinco horas, pouco mais,*
*três formosos animaes!*» —
— «*Três não, senhora, são dois.*» —

Volve Mendanha (e sorria
com virgínea candidez):
— «*O que faz a miopia!*
*Só dois veados? Eu ia*
*jurar que vi chegar três!*» —

# Nunca mais!...

A ARNALDO LEITE.

# Nunca mais!...

Graziela Alcoforado,
residente em Amarante,
tinha namôro pegado
com um sargento aspirante.
Mas o sargento safou-se,
á francesa, um belo dia,
e ela, acordando da doce
ilusão em que vivia,
jurou a quem quiz quvil-a,
a amigas, irmãos e paes
— a toda a gente da vila —

que qu'ria viver tranquila,
e namôros — nunca mais!

Cumpriu a jura... seis mêses.
Novo amor lhe entrou no seio
indo um dia de passeio
ao Marco de Canavezes.
Foi um fiscal dos impostos,
toda a tarde de olhos postos
no rosto e nos olhos d'ela,
quem conseguiu de Cupido
que abrandasse o endurecido
coração de Graziela.
Volvido curto intervalo,
certo domingo do Advento,
na egreja de S. Gonçalo
fazia-se o casamento.
Graziela! Que grande asneira!
Antes fosses para freira
ou irmã de São Francisco!
Malcriado, turbulento,
beberrão e ciumento,
tal saíu o homem do fisco.
Valeu a lei do divórcio
á pobre da rapariga.

Tendo desfeito o consórcio,
voltou á postura antiga.
E eil-a que, por toda a vila,
com gesto e voz teatraes,
afirma a quem quer ouvil-a:
— «*Eu casar-me? Nunca mais!*» —

Tempo depois, todavia,
— apesar de entrado em anos —
caíu-lhe na simpatia
um tal Gil de Albergaria,
negociante de panos.
Juraram-se eterno amor,
e logo ela, mais o Gil,
largam a todo o vapor
para o Registo Civil.
Mas que frieza no lar!
Que contraste esmagador!
Êle sempre a tiritar...
ela sempre com calor...
Tomou a coisa tal geito
que o caixeiro Militão
passou a ter o direito
que competia ao patrão.
É claro que um belo dia

o escândalo rebentava.
Deu sorte o Albergaria
co'a sorte que Deus lhe dava.
Quiz expulsar Graziela,
mas perdoou-lhe porque ela,
entre lágrimas e ais,
lhe suplicou: — «*O' meu Gil!*
*Perdôa-me! sê gentil!*
*Juro-te que nunca mais!*» —

Pois sim!... Um ano depois,
já ela a côrte aceitava
de um qualquer Zé dos Anzoes
que em frente á casa morava.
Verdade seja que então
andava perdido o Gil
pela irmã do sacristão
da paróquia de Fermil...

É que ninguem conjectura
(nem desconfia sequer!)
o pouco tempo que dura
o afecto que um homem jura
e um «nunca mais!» de mulher...

# Amor de artista

AO DR. JOSÉ MARIA D'OLIVEIRA.

# Amor de artista

Chamava-se Guillaume êsse escultor que um dia,
ambicionando a glória e um futuro feliz,
abandonou a aldeia e a casa em que vivia,
demandando Paris.
Tinha muito talento, — e era quási ignorado.
Nunca tivera um só amigo dedicado.
E na triste mudez do seu atelier,
que era um compartimento escuro e pequenino,
jàmais vibrou, cantando, o timbre cristalino
de um riso de mulher.
A fome, as privações, a doença, mil perigos,
eram — fatal condão! — os únicos amigos

que vinham assentar-se em roda do seu lar.
Quando o frio era muito, e os braços lhe prendia,
pegava no boné, punha o cinto, — e saía
para aquecer as mãos ao sol do «boulevard».

Foi n'uma manhã doce, em pleno mês de abríl,
que por êle passou essa mulher gentil
— soberba carnação divinamente bela —
a que Paris chamava «a condessa Gabriela».
Recostada n'um trem, o olhar abstracto e vago
fixou sôbre o escultor, doce como um afago,
— e rápida passou... N'uma alucinação,
deslumbrado ao fulgor da esplêndida visão,
Guillaume ficou mudo,
imóvel, sem um gesto, alheado de tudo
que não fosse a eclosão d'êsse violento amor
que sentia irromper, crescer, varrer-lhe a alma,
como na primavera uma rajada incalma
varre, n'um turbilhão, uma seara em flôr.

E desde então, toda a manhã, no «boulevard»,
Guillaume estacionava até ela passar.
No seu «coupé» de luxo, ao trote compassado
de uma parelha russa, o torso recostado

no estofo sensual de setim indiano,
sobre o colo um «bouquet» de anémonas e orquídeas,
lembrava uma soberba escultura de Phídias,
uma deusa pagã de Vinci ou Tiziano.
E o artista sorria, ao vel-a, embevecido ...
Nunca ela reparou n'êsse desconhecido,
n'êsse verme do asfalto, inculto e maltrajado,
que vibrava de amor e sofria a seu lado.
E o pobre sonhador, que a paixão avassala,
desiludido já, mas sempre firme e ardente,
contentava-se só com vel-a e adoral-a
e soluçar a sós, interminavelmente.

Um dia, ao acordar — toda a noite sonhara
co'essa esvelta mulher de formosura rara —
encheu de barro impuro as táboas da tripeça
e poz-se a modelar a estátua da condessa.
Gastou um dia só n'êsse trabalho insano
em que, n'outra ocasião, teria gasto um ano.
Nunca da sua mão trémula e insatisfeita
obra alguma saíra assim bela e perfeita.
Era uma estátua grande. A condessa, de pé,
olímpica e risonha, olhava para o lado,
como quando o fitou de dentro do «coupé»
n'essa primeira vez que passara a seu lado.

Em linhas magistraes desenhava-se o busto,
tão cheio de verdade e beleza e frescôr,
que o não teria feito o génio mais robusto
se o não iluminasse a luz d'um grande amor.

Desde então, sempre em casa, o pobre enamorado
fitava sem cessar o vulto bem-amado,
isolado e feliz, n'um íntimo consôlo.
Mas ai! o atelier era n'um sub-solo
onde, através do muro, a água ressumava.
E um dia em que, febril, o artista a contemplava,
a estátua começou, lentamente, a aluír.
Guillaume estremeceu. A condessa, a sorrir,
parecia inclinar-se e abrir-lhe emfim os braços.
Conheceu que ela ia a fazer-se em pedaços.
Deu um grito, e saltou á frente p'ra colhel-a.
Sentiu-se um estalido. A linda Gabriela
continuava a sorrir, impávida e tranquila.
Havia fendas já semeadas pela argila...
E então, co'um ruído surdo e n'um último arranco,
a estátua estremeceu, descaíu sôbre um flanco,
fendeu de ilharga a ilharga, — e tombou lá do alto
sôbre o pobre escultor que a soluçar, d'um salto,
lhe abrira sem temor os braços p'ra amparal-a.
— E rolaram os dois na escuridão da sala...

*

Quando a bela condessa, ás onze da manhã,
já pronta p'ra saír, desdobrou «Le Matin»,
casualmente encontrou, entre outros «fait-divers»,
em seis linhas ou sete, escritas a correr,
a notícia banal da morte do escultor.
— «*Coitado!*» — murmurou. — «*E' de causar horror*
*esta morte!*» — E, descendo as escadas: — «*Guillaume,*
*de Allaix... Não tenho ideia alguma d'este nome*». —
Depois entrou no carro; e olímpica e risonha,
ela ordenou: — «*Cocheiro! Ao Bosque de Bolonha!*» —

# Os gatos

AO DR. FLORES LOUREIRO.

# Os gatos

Chama-se Valentina, e está apaixonada.
Por quem? Por mim! ... Decerto alguma bôa fada
no berço lhe escreveu, co'a vara de condão,
por sôbre o seio esquerdo, o meu nome: «Gastão».
— Eu chamo-me Gastão. Gastão Apolinário:
alguem que foi outrora um grande proprietário,
e hoje nada possue, salvo êste amor sem par.—

O que é realmente estranho, e muito singular,
é o modo como o idílio, há tempos, começou:

Tenho um gato maltês chamado Waterlôo,
um gato trivial, como há muitos por cá,
o inverso d'essa raça esvelta de Angorá.
Foi o único amigo e velho companheiro
que não me abandonou ao ver-me sem dinheiro.
Isto é de agradecer, isso é. Ora uma vez
desapar'ceu de casa o meu gato maltês.
Supuz eu que, cançado emfim da solidão,
de noites sem calor e de dias sem pão,
êle houvesse partido a procurar estado
melhor, em casa d'um mercieiro abastado
que tivesse uma filha amiga de animaes
e lhe desse bombons, pão de ló, e outras mais
gulodices. Mas não. Uma certa manhã,
ouço uma voz celeste, olímpica, louçã,
bradando d'esta fórma: — «*Ó visinho!*» — Cheguei
á janela, saudei a visinha, e exclamei:
— «*Deseja alguma coisa?*» —
— «*Este gatinho é seu?*» —
Era o meu Waterlôo!... Jesus! Ó Pai do Céu!
Que formosa mulher! Diana Caçadora,
os bosques percorrendo á rósea luz da aurora,
devia ser mais feia e menos elegante.
Lembrava, no perfil, a Beatriz do Dante.
Dos seus olhos azues, fundos como um abismo,
irradiava não sei que estranho magnetismo.

Farto e loiro, o cabelo. E os braços, santo Deus!
Cada um... colossal!... vale por três dos meus!
E depois, decotada...
E eu cá de cima, olhando anciosamente, ao vel-a
chegava a bemdizer a triste agua-furtada
a quem devia o estar assim tão perto d'ela.
Respondi: — « *Esse gato é meu.* »—
— « *Vou-lh'o mandar.* »—
— « *Visinha! Por quem é! Não quero encomodar!*
*Eu desço e vou buscal-o.* »—
Desci. Meu coração parecia um cavalo
de Argel, a galopar n'um amplo anfiteatro.
Galguei sôfregamente os degraus quatro a quatro,
e entrei em casa d'ela. Estava recostada
n'um flácido divan com rendas de Granada,
alva como o luar, doce como um consôlo,
graciosa e risonha, o gatinho no colo.
E murmurou: — « *Ahi tem o trânsfuga, o perdido.*
*Sabe porque fugiu? Eu tenho uma gatinha;*
*êle, coitado, amou a gata da visinha*
*e veio pôr-lhe aos pés o coração rendido.*
*Fui dar com êles sós, no meu «boudoir»,*
*ao canto d'um tapete, ronronando,*
*imersos n'êsse sonho doce e brando*
*de quem vive no mundo para amar.*
*Mas não lhe bata, não? O pobresinho,*

*falho talvez de amor e de carinho,*
*fugiu, abandonou-o.*
*Por quem é, não lhe bata!*
*Eu tambem não bati à minha gata!*
*Seja bom como eu, que lhes perdôo!*»—

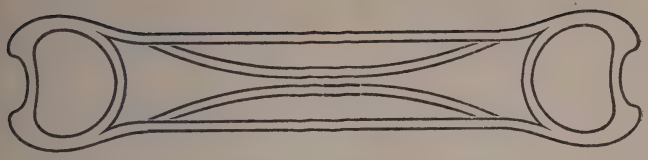
Eu não sabia nada que dizer,
estava inquieto... pálido... a tremer...
Na sua nívea mão poisei a minha,
e respondi: — «*Diz bem, dôce visinha!*
*Coitado de quem ama, e só procura*
*apróximar-se d'uma amante fiel,*
*procurando no amor toda a ventura,*
*e em lábios virginaes beijos de mel!*»—

Não digo mais. Se fôsse a narrar o dialogo
que se seguiu depois, formaria um catalogo
de palavras de amor, maior que o «Ramaiana».
Resumindo: roubei Waterlôo á leviana
gata, por cuja causa abandonara o ninho.
Certo dia, porém, senti-me tão sòsinho,
tão sedento de amor, tão triste e apreensivo,
que, n'um gesto febril e quási que instintivo,
peguei no Waterlôo, curvei-me na janela,

e atirei com o gato á varanda da bela.
A scena repetiu-se... Ela encontrou os dois...
chamou-me novamente... eu acorri... Depois...
Depois!... Se lh'o contar! Basta que diga só
que, no espaço de um mês, já o pobre Waterlôo
foi dez vezes achado em casa da visinha,
extático, a beijar os lábios da gatinha!

# A três quartos...

PARA O MEU HEITOR.



# A três quartos...

Façam favor de fitar-me
e olhar bem cá p'ra o rapaz:

*(Executando as posições)*

A três quartos... de perfil...
pela frente... por detrás...

*(Voltando à primeira atitude)*

Basta um exame sumário.

*(Pausa)*

Então?... Acham-me gentil?
Boa figura?... Bom modo?...
Ou antes pelo contrário?
Não notam n'êste meu todo
nada, nada extraordinario?

Tenho consultado o espelho
dias e dias, a ver.
Mas nada vejo, a não ser
que me vou fazendo velho.

Lá que alguma coisa tenho
de singular e de estranho,
não há certeza mais firme;
pois mulher por quem eu passe
logo pára e volta a face,
embasbacada, a seguir-me.

Se penetro n'um salão,
eu chego a ficar perplexo
co'a profunda sensação
que causo no belo sexo.

Velhas, moças e meninas
põem-se todas purpurinas,
inquietas, com falta de ar...
E quando desço as escadas,
sei que as deixo desoladas,
tristonhas, a suspirar...

Vejam a minha desgraça,
o mal que eu ando a causar!
Não posso, por mais que faça,
êste mau séstro evitar.

E o peor é que eu tambem,
'stando ao pé de uma mulher,
não me sinto nada bem,
começo logo a tremer.

Se elas por mim se apaixonam
e o seu orgulho abandonam
p'ra se fazerem de mel,
eu a todas correspondo,
e o coração — não o escondo —
transformo n'um Grande Hotel.

Isto é tara, creio bem,
qualquer herança ruím,
pois disse-me não sei quem
que já meu pai foi assim.

Só em papel perfumado
gasto ao mês uns cem mil reis.
E prendas?... No ano passado
comprei trinta e oito aneis!

De retratos... um cabaz!
Já tirei mais de dez mil:
no Bobone, no Ferraz,
no Artur, no Guedes, no Biel...
Sempre um bonito rapaz,
desempenado e gentil:
a três quartos... de perfil...
pela frente... por detrás...

*

Este mal de que padeço
tem ás vezes — bem conheço —

conseqüências bem funestas:
scenas de ciume enfadonhas...
pendências de honra medonhas...
vèxames... scenas molestas...

Por exemplo: n'um pinhal
que há p'ra os lados do Bomfim,
juntaram-se contra mim
todos os pais do local.

Era uma noite de abril.
Ao todo, vinte papás
com bengalas e piaçás
defendendo o seu redil.
Fiquei todo côr de anil,
mais roxo do que um antraz,
pela frente... por detraz...
a três quartos... de perfil...

*

Corrido de tanto alarme,
jurei então emendar-me,

mas, com franqueza, não pude.
Isto, o que o berço nos dá
só a tumba o levará,
segundo diz o Talmúd.

Que eu não sei se até na morte
perderei este defeito,
atroz pirraça da Sorte.
Lá no derradeiro leito,
se apanho mulher a geito,
ainda lhe faço a côrte!...

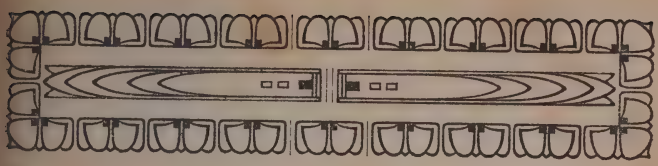
E se ao esticar o pernil
subir á mansão da paz,
avistando as Onze Mil
sentadas nos seus sofás,
'staes a ver cá o rapaz
catrapiscando-as gentil,

*(executa)*

a três quartos... de perfil...
pela frente... por detrás!...

# Outros tempos!...

*Ao velho e sempre querido amigo*
*LUIZ FERREIRA GOMES, o*
*inegualavel criador d'esta scena*
*cómica, há vinte anos.*



# Outros tempos!...

*(Tipo dos seus sessenta anos. Traje á 1860)*

P'ra que quem me não conheça
não tente pôr-me empecilho,
o meu cartão ahi vae:
Sou o Luís Gomes filho,
filho do Luís Gomes pai.

Natural de Valadares
do Minho, em frente á Galiza.
Bom vinho... melhores ares...

tudo que a gente precisa
para viver sem pesares.

Mas não julguem, vendo assim
êste meu traje ratão,
que eu seja qualquer lapuz,
d'êstes que assinam de cruz
o seu nome. Isso é que não!

E para lhes ser sincero,
vou fazer a confissão
de que fui *dandy*. Nem quero
que haja quem com mais esmêro
saiba pisar um salão.

Morei cinco anos no Porto
em sessenta e tantos... Ai!...
Gastei, impávido, a fio,
a herança de um velho tio
e a fortuna de meu pai.

Mas tambem, gosei á bruta!
Fiz-me peralta... Pois quê?...

Tive casa bem montada,
e uma caleche doirada,
com cocheiro de libré.

Quando acabou o dinheiro
fui p'ra casa. E desde então
nunca mais tornei ao Porto.
Mas, palavra! estava morto
por voltar á reinação!

E cá estou!

*(Pensativo e melancólico)*

Encantadoras
jovens! donzelas formosas!
onde hei de achar-vos por fim?

*(Outro tom)*

Algumas d'estas senhoras,
as que forem mais edosas,
hão de lembrar-se de mim...

Não se lembram? Um janota
montando, com todo o brilho,

cavallos de Alter?... Não vai?
O Gomes... O Gomes filho,
filho do Luís Gomes pai?...

Não se recordam? Paciência!
Pois sou eu, que, com saudades,
vim por ahi aos baldões,
a matar recordações
de outras felizes edades.

Mas fiquei aparvalhado!
Como o Porto está mudado!
Que grande transformação!
Até mesmo êste lugar!
No meu tempo, êste salão
tinha mais que admirar!

Havia muitas donzelas
assim tambem, e tão belas
como as que tenho defronte.
Mas quando o pano subia,
e que a scena comovia,
choravam como uma fonte.

Quando os actos terminavam,
iam á cesta... e ceiavam,
comiam nos camarotes.
E os janotas namoravam
emquanto em cima os velhotes,
desconfiados, olhavam.

No meu tempo namorava-se,
assim, em toda a plateia.

*(Encosta-se a uma cadeira)*

Nariz no ar. Era lindo!
E as damas iam sorrindo,
sorrindo co'a boca cheia.

E quando o pai não gostava,
logo a partida pregava
ao pobre do banazola,
que apanhava, mui lampeiro,
com um osso de carneiro
mesmo em cheio na cartola.

E ficávamos calados,
felizes com a aventura.

Eu fui sempre um libertino,
e trazia o chapéu fino
com mil nódoas de gordura...

Vocências hão de lembrar-se...
Era um *dandy*, um peralvilho
perfumado com tomilho
e heliotropo de Shanghai.
O Gomes... O Gomes filho,
filho do Luís Gomes pai!...

*(Outro tom)*

Tudo mudou. Nos mosteiros
acabaram os outeiros.
Era tão bom! Todo o dia
a gente fazia glosas,
junto às grades, e comia
doçuras deliciosas.

Até mudou o Reimão!
Vi-o há bocado ao passar.
Não sei se inda lá farão
a dobrada com feijão,
mas já não deve prestar.

Quantas vezes eu lá fui
com tiples do «S. João»!
Acabou-se! nunca mais!
Onde estaes vós, onde estaes,
tripas do meu coração?!...

Se hoje já nem há rapazes!
Os que existem, 'stou a vel-o,
aposto se são capazes
de se bater em duelo!

*(Com desvanecimento juvenil)*

Pois bati-me eu muitas vezes!
Sempre a causa era uma dama.
Já se sabe, isto quem ama
suporta sempre revezes.

A pau, a sabre, á pistola,
peito á mostra, sem colete!
A gente andava na escola
e já jogava o florete!

Depois vinha nos jornaes,
fazia-se um figurão!
Vinham todas as donzelas
debruçar-se nas janelas
p'ra nos verem... Pois então?

Agora lembram-se já!
Um janota de espartilho
muito cintado... Não vai?
O Gomes... o Gomes filho,
filho do Luís Gomes pai?

Se nem jornalistas há!
No meu tempo era o Novaes,
o Camilo, o Arnaldo Gama,
o Louzada... e outros que taes...
Tudo homenzinhos de fama!

Andavam sempre bem postos,
camélia na botoeira,
penteados a brilhantina,
e tinham piada fina
e ao mesmo tempo brègeira.

Hoje vi um jornalista,
em Campanhã, com tal vista
que fugi a toda a pressa:
cara pequena e trigueira
e uma grande cabeleira,
com um balde na cabeça!

Fiquei tolo! Cada qual,
é claro, anda como quer.
Mas assim, não sei se póde.
Se não trouxesse bigode,
jurava que era mulher!

Vejam bem. Em trinta anos
as voltas que o mundo deu!
D'essa epoca galante
há só um representante
que não mudasse. Sou eu!

*(Outro tom)*

Porém estou a massal-os,
e vocências, é de vêr
que decerto hão de querer
gosar estes intervalos.

Vou-me embora. Mil perdões
por esta loquacidade.
Os homens da minha edade
vivem de recordações.

*(Saída falsa)*

Se vos fôr útil, na terra
do vinho verde e do milho,
êste criado mandae.
Direcção: Luís Gomes filho,
filho do Luís Gomes pai.

# O Cid

AO SNR. JOSÉ HENRIQUE PINTO LEÃO.

# O Cid

(*De VICTOR HUGO. Versão livre*)

---

Bivar era um castelo adusto e enegrecido,
cercado de torreões formidáveis, e erguido
a meio d'uma encosta, entre denso arvoredo.
Quando o scheik Jabiaz, depois rei de Toledo,
um dia ali passou, andando de viagem,
viu tremular no hastil da torre de menagem
o velho pavilhão, desbotado e sem côr,
de D. Diogo, pai do Cid Campeador.
— «Mora aqui — murmurou — Rui Dias de Bivar». —
E atravessando a ponte, entrou pelo solar.

No páteo estreito e frio, um homem inda novo,
pòbremente vestido á maneira do povo,
cabeça e braços nus, ajoelhado no chão
entre uma conca de água e um cacifo de grão,
empunhava um cepilho e limpava um cavalo.

Jabiaz parou um pouco, á porta, a contemplal-o.

— «*Servo! Dize ao senhor Rui Dias de Bivar*
*que o scheik Jabiaz lhe pretende falar*».—

Lentamente, o mancebo ergueu-se, e respondeu:
— *Rui Dias de Bivar, o Campeador, sou eu.*—

— «*O quê?* — disse Jabiaz — *Aquele a quem aclama*
*toda a Espanha cristã, o Cid cuja fama*
*vae n'um rápido vôo, imenso e triunfal,*
*de Gibraltar a Aviz, do Algarve a Cadaval,*
*o ilustre capitão que a cada audaz campanha*
*de um novo reino faz presente ao rei de Espanha,*
*sois vós, que eu venho achar* (*se ofendo, perdoae-o!*)
*a pensar um ginete, assim como um lacaio!*

*Quando eu vos conheci no paço real, senhor,*
*eu prisioneiro, e vós chegando vencedor,*
*tendo feito oscular a cruz da vossa espada*
*a Coimbra e Saragoça, a Córdova e Granada,*
*vossa altivez, pisando as régias alcatifas,*
*era bem a do heroe que ás terras dos kalifas*
*levara de um só golpe a assolação e a morte.*
*Vossa magnificência enchia toda a côrte;*
*e ao ver-vos caminhar, intrépido e altaneiro,*
*dizia toda a gente:— «É um Bivar verdadeiro!» —*
*Mais de um fidalgo então se julgaria honrado*
*em vos beijar a mão e ser vosso criado.*
*Indo, vindo, falando, a vossa larga fronte*
*par'cia, como a lua ao surgir no horisonte,*
*mais ampla, mais brilhante e cheia de grandeza.*
*Tratavam-vos, sorrindo, as damas por «alteza».*
*Condes, duques, barões, os grandes e os notáveis,*
*tiravam o chapéu se acaso vós passáveis.*
*Vosso garrido traje era como um tesoiro*
*de seda, de brocado e passamanes de oiro;*
*e na sumptuosidade egrégia da armadura*
*tornava-se maior a vossa alta estatura.*
*Ninguem, nascesse embora em tálamo real,*
*ousaria, D. Rui, dizer-se vosso egual.*
*Vós deslumbráveis tudo; e tudo dominando,*
*vosso olhar era como uma voz de comando,*

*e, a um seu simples relance, a côrte obedecia.*
*E olhar e voz e gesto — ah! — tudo em vós dizia*
*o heroe digno de ser servido por heroes,*
*sol único que não reconhece outros soes!» —*

*— É que eu estava então, leão entre as hienas,*
— volveu o Campeador — *no paço real, apenas!* —

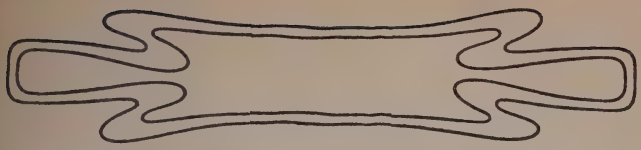
*— «Mas agora, D. Rui, qual o sucesso horrível*
*que vos pôz n'êsse estado, humilde e desprezível?*
*Que penitência atroz ou rude expiação*
*vos transformou assim de fidalgo em vilão,*
*de garboso senhor em ínfimo criado?» —*

Vinha descendo a escada um velho, já curvado;
e apontando-o de longe, o Cid disse: — *Olhae.*
*Agora, scheik, estou em casa de meu pai!* —

# O alardo da Vilariça

*Poesia coroada com o 1.º prémio (rosa de oiro) nos jogos florais de 1918, no Porto.*

Ao snr. FRANCISCO MANOEL ALVES, *reitor de Baçal*, erudito arqueólogo e douto historiador.



# O alardo da Vilariça

... e este foi o mais formoso alardo
que até ali em Portugal fôra visto.
*Fernão Lopes* — «Chronica de D. João I».

I

N'essa primaveril manhã de Pentecoste,
d'el-rei D. João Primeiro a fatigada hoste
acampara no plaino á beira do Sabor.
Temendo uma surpreza, el-rei mandara pôr
esculcas na colina, olhando ao longe a estrada
que vinha de Moncorvo, em ingreme calçada,
entestar com a ponte. A rude soldadesca,
dos álamos á sombra apetitosa e fresca,
descançava da marcha abrupta na montanha.

Ia pelo arraial uma alegria estranha:
descantes, libações, trebelhos e arremedos...

II

Só o Mestre de Aviz, alheio a taes folguedos,
no olhar impaciente e na atitude incalma
revela a inquietação que lhe devora a alma.
Junto ao Tâmega, após todo um dia de luta,
entre êle e o Condestabre houvera uma disputa.
No ardor da discussão, que as frazes acalora,
— quanto arrependimento o não pungia agora! —
ofendera o leal e nobre cavaleiro
que fôra o seu melhor amigo e conselheiro.
Logo a seguir, com seus peões e homens de lança,
Nun'alvares partira a sitiar Bragança.
Eram passadas já cêrca de duas luas...
Não o tornara a ver, nem a ter novas suas.

III

«Que faria por lá todo êste tempo andado?
Ter-se-há batido, sempre heroico e denodado,
ou talvez, no rancor da estúpida querela,
terá tomado voz por el-rei de Castela?

Se é vivo, e o coração lhe anima antiga fé,
porque não manda alguem a dizer-me que o é?
E se as Quinas trocou pelo Leão de Espanha,
porque não vem cevar, n'um salto, a sua sanha
e o furor que decerto o sangue lhe incendeia
no mísero montão de homens que me rodeia?»

Assim pensava el-rei, junto da sua hoste,
n'essa primaveril manhã de Pentecoste.

IV

Súbito, um grito ecoou nas quebradas de alêm:
— «As hostes de D. Nuno! Ei-las! Asinha veem!» —
E entre nuvens de pó e férvido alarido
do jovem Condestabre o exército aguerrido
surge brilhando ao sol, galga a rude ladeira,
transpõe a ponte e logo, á margem da ribeira,
desfila, em continência ao pavilhão real.

V

Descendo do murzelo em meio do arraial,
o olhar gelado e duro, a máscara severa,

D. Nuno inclina a fronte ante D. João, — e espera.
— « *Que novas me trazeis?* » — inquire el-rei, ancioso.
— « *Bragança e Castelãos, Mogadouro e Vimioso*
*são vossas; em Vinhaes, Monforte e Mirandela,*
*o pendão português corôa a cidadela;*
*e desde o Douro e Tua ao extremo bragançon*
*já nada pode el-rei de Castela e Leão.* » —
— « *E tudo isso fizeste em tempo tão escasso?*
*Ajudado do esfôrço hercúleo do teu braço,*
*todo o país, emfim, é livre e independente!*
*Condestabre do reino e meu irmão! Consente*
*que a minha mão aperte a mão que Deus guiou*
*e a golpes de montante um trono me ganhou!* » —
E estendeu-lhe, sorrindo, a mão desenluvada.

VI

D. Nuno conservou a sua sôbre a espada.

VII

El-rei córou; e alçando a fronte sobranceira:

— « *Negaes-me a vossa mão, Nun'alvares Pereira?*
*Vêde que é grande o insulto, e com usura atroz*

*pago seria já, se não viesse de vós,*
*de vós, o mais audaz dos capitães, a quem*
*fiz meu mordomo-mór, conde e senhor de Ourem!*
*Mas dizei: se o afecto e a amizade que outrora*
*nos uniram, D. Nuno, extinctos são agora,*
*se porventura eu sou quem n'este momento*
*vos merece mais ódio e mais ressentimento,*
*não foi do amigo, pois, em prol e defensão,*
*nem foi por vosso rei que pelejastes?* » —

— « *Não!* » —

— « *Foi pela glória?* » —

— « *A Glória? Efémera poalha*
*que um vento ás nuvens ergue, e que outro vento espalha!* » —
— « *Mas n'êsse caso, irmão, quem foi que tu serviste,*
*lutando sem descanço, a lança sempre em riste?*
*Quem floriu no teu peito a flor da heroicidade?*
*Por quem sacrificaste a tua mocidade,*
*a saúde, o socêgo, a família, o amor?* » —

## VIII

D. Nuno respondeu: — « *Pela Pátria, senhor!* » —

# O doutor Pangloss

A JOÃO GRAVE.

# O doutor Pangloss

Era um distinto médico da Côrte.
Esvelto. Olhos azues. Barba castanha.
Casado.—Quiz porêm a sua sorte
que sentisse um amor intenso e forte
pela mulher do embaixador de Espanha.

Ela era, de facto, digna d'isso.
Não existia em toda a capital
mulher de tanto encanto e tal feitiço:
rosto oval e gentil; braço roliço;
farto cabelo; corpo escultural.

Encontrava-a por vezes na Avenida.
E ao saùdal-a, o pobre cirurgião
sentia uma impressão indefinida,
como se todo o sangue e toda a vida
lhe houvessem refluído ao coração.

Brilhava-lhe no espêlho da pupila,
n'êsse momento, um fúlgido lampejo.
E a sua alma, outrora tão tranquila,
á ideia de estreital-a e possuil-a,
vibrava de paixão e de desejo.

Calcule-se o fervor, quási demência,
com que leu esta carta singular:
«A Condessa de Béjar y Plasencia
«deseja consultar Vossa Excelência
«e pede-lhe o favor de aqui chegar».

Partiu, correndo, como um louco. Entrado
á presença da esplêndida condessa,
da sua bôca ouviu, extasiado,
a miuda descrição do seu estado:
umas vagas tonturas de cabeça.

Estavam sós os dois na grande sala,
sentados lado a lado. Delirante,
êle o ouvido encostou, para auscultal-a,
á epiderme setínea e côr de opala
d'aquêle regio busto estonteante.

O que mais fez, não sei. Mas certamente
o decoro esqueceu, perdeu a linha,
visto como a condessa, de repente,
sem êle vêr, e disfarçadamente,
carregou no botão da campaínha.

Abriu-se a porta, e entrou uma criada.
— « *Um copo de água p'ra o senhor Pangloss!* » —
Água, de inverno! E então quási gelada!
Mas o pobre doutor, sem dizer nada,
meio litro enguliu á sôbreposse.

Passou depois a receitar. Por fim,
inclinou-se, tomou o seu chapéu,
e á incómoda consulta pondo fim,
hirto e aprumado como um mandarim,
as escadas de mármore desceu.

No alto, a condessa, os lábios comprimindo,
viu-o descer, cingido co'a parede;
e debruçando ainda o rosto lindo:
— « *Quando volta, doutor?* » — disse sorrindo.
— « *Minha senhora, quando tiver sêde...* » —

# A doença da Luzia

*(Imitação)*

AO AMIGO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

# A doença da Luzia

N'essa quaresma a Luzia
andava falta de côr:
face branca e luzidia,
côr de quem tem anemia,
ou sofre penas de amor.
Trazia grandes olheiras,
uns olhos amortecidos,
e passava horas inteiras
desmaiada e sem sentidos.

— « *Que tens tu?* — dizia a mãe —
*Que te punge? Alguma dôr?* » —

— « *Não tenho nada. Estou bem.* » —
Mas ia sempre a peor!

Afinal, ninguem sabia
o que é que tinha a Luzia.

Soube-o emfim o padre cura
quando ela, sem disfarce,
lhe abriu sua alma pura,
indo á egreja confessar-se.

— « *Filha! Tu que és das mais santas,*
*tens decerto poucas faltas.* » —
— « *Ai, meu padre! Tenho tantas!*
— « *Tantas, tu?... Vê que me espantas!*
*Olha que me sôbressaltas!*
*Não tens guardado o decoro*
*que a Egreja ordena? Foi n'isto...* » —
— « *Meu padre! Eu tenho um namoro...* » —
— « *Seja p'las chagas de Cristo!*
*Mas tens-lhe escrito sòmente?* » —
— « *Tenho-lhe tambem falado*
*no quintal.* » —

— « *Por S. Clemente,*
*patriarca e martirisado!*
*Tens-lhe falado... de dia?* » —
— « *Não senhor; de madrugada.* » —
— « *Padre Eterno! Quem diria?!!...*
*A ovelha mais socegada!!!* » —
— « *Eu não queria. Ele quer...*
*E êle é homem, e eu mulher...*
*Há quinze dias, porém,*
*Saiba Vossa Rev'rendissima,*
*deu-me um beijo...* » —
— « *Virgem-Mãe!*
*Santa Maria puríssima!*
*Despediste-o?* » —
— « *Não senhor.*
*Se eu tenho-lhe tanto amor!* » —

— « *Bem! Perdôo-te por esta.*
*Anda, vae. Mas sê honesta.*
*Purifica a consciência,*
*e ouve a tua penitência:*
*por cada beijo que deres*
*serás um ano precita,*
*e acenderás duas velas*
*em louvor de Santa Rita.* » —

Já na seguinte semana
a Luzia andou melhor:
mais alegre, mais ufana,
e menos falta de côr.
Comtudo, ninguem sabia
o mal que outrora a afligia,
salvo eu, que da sacristia
escutara a confissão.
Passaram tempos. E um dia
tornou a andar a Luzia
triste, com nova aflição.
Chamaram-me sem detença
para a ver e receitar.
Não era grave a doença,
pude-o logo asseverar.
Demorada... mas suave...
Questão de tempo, afinal...
Em resumo: nada grave,
coisa muito natural...
E ri-me como um danado
quando vi, n'um quarto ao lado,
que a Luzia — coitadita! —
tinha em cima de três mesas
um mar de velas acêsas
em louvor de Santa Rita...

# O nenufar

AO DR. JOSÉ BRÁS RIBEIRO.

# O nenufar

Era uma vez uma mulher... — Isto passou-se
na China, sob o céu perenemente doce
que cobre a industrial cidade de Hang-Tchêu. —
Era uma vez uma mulher — dizia eu —
feia e deselegante, um pouco corcovada,
baixa como um pudim, gôrda como uma empada,
nua de encanto e graça: uma mulher banal,
como há muitas na China... e mesmo em Portugal.
Pertencia além d'isso á classe popular.
Revestia-se, pois, de quantos predicados
precisa uma mulher p'ra nunca se casar,
á falta de namorados...

E era essa ideia atroz que mais a torturava.
Kin-Su-Ló — era assim que a pobre se chamava —
amava com ardor o sexo masculino.
Casar era o seu lema, o seu ideal divino.
Vendo um homem ao pé, sentia um tremelique...
Falando-se em amor, então, tinha um chelique.
E todas as manhãs a triste Kin-Su-Ló
entrava no pagode erguido ao grande Fó,
e de fronte no chão, beijando as lages frias,
com pranto de abrandar as próprias penedias,
rogava ao deus, senhor da terra e do infinito,
que lhe desse um marido, ao acaso: bonito
ou feio, magro ou gôrdo, irascível ou santo,
de pedra, de bambú ou de kaolim, — comtanto
que mitigasse a solidão em que vivia
e a livrasse de ser eternamente tia.

Porque a pobre era tia. Uma sua sobrinha
— doce como o luar, grácil como a andorinha —
órfã de pai e mãe, vivia junto d'ela.
Chamava-se Tsé-Nan, e era tão meiga e bela
que arrastava comsigo almas e corações.
Espírito infantil, aberto ás ilusões,
desde que o sol se erguia até romper a lua,
sôbre o largo jardim que dava para a rua,

Tsé-Nan ia cantando umas canções de amor,
regando com carinho os gira-soes em flor.
D'uma vez, ao passar, um jovem mandarim
de botão de cristal, chegado de Pekim,
ouviu aquela voz insinuante e pura,
e, espreitando através dos tufos de verdura,
viu a bela Tsé-Nan, solícita, a regar
— grácil como a andorinha e doce como o luar.—
Não é mais subitâneo o raio em seu efeito
do que o violento amor que lhe irrompeu no peito.
E logo o mandarim, sem perder um instante,
procurou Kin-Su-Ló, e humilde e suplicante,
solicitou a mão da cândida sobrinha
— doce como o luar, grácil como a andorinha —.

Kin-Su-Ló acedeu. Mas, com Tsé-Nan a sós,
esbogalhando o olhar e alevantando a voz,
berrou, barafustou, praguejou, insultou:
— «*Uma mulher distinta e bela como eu sou,*
*mais velha do que tu, mas não muito; elegante*
*como a palmeira esguia, e mais insinuante*
*que a própria Imperatriz, — ninguem repara em mim!*
*E tu, inda menina, é logo um mandarim!*
*Tu, com olhos de cobra e cintura de enguia!*
*Arranja-se a sobrinha, e ninguem quer a tia!*»

Recolheu-se, chorando, a mísera Tsé-Nan.
Mas com surpreza viu, na seguinte manhã,
— cheia de hipocrisia e muitíssima ronha —
a tia aparecer novamente risonha,
enchendo de atenções o ilustre mandarim.
Depois deixou-os sós. E em meio do jardim,
sob a copa aromal d'um grande tamarindo,
o mancebo e Tsé-Nan, de mãos dadas, sorrindo,
ficaram levantando os castelos-no-ar
que só sabem erguer os que vivem a amar.
Tsé-Nan era feliz... Que em pouco se condensa,
p'ra quem ama e confia, essa ventura imensa
que faz da nossa alma um sol a rutilar.
Um apêrto de mão, a troca d'um olhar,
passear enlaçado á suave luz da lua,
ouvir ciciar: — «Sou teu!» — e responder: — «Sou tua!» —
ter tanto que dizer, e conservar-se mudo,
é o bastante, afinal. Parece nada, — e é tudo!

Mas a scena mudou. Mêses depois morreu
o irmão de Kin-Su-Ló, que era um velho plebeu
enriquecido. A herança, acima d'um milhão,
tocou a Kin-Su-Ló. Abençoado irmão!
A velha, quando o soube, endoideceu de gôso.
Tinha dinheiro emfim p'ra comprar um espôso!

E quando o mandarim, á noite, entrou na sala
e se lhe aprôximou para cumprimental-a,
julgou ler-lhe no olhar um revérbero vago,
um brilho singular, que era como um afago.
E quedou-se a pensar: — «Talvês que ele me queira!
Sou inda um pouco fresca... além d'isso solteira
e rica... O mandarim é pobre... Ó grande Fó!
Se êle me desposar, dou-te uma Kin-Su-Ló
de cera e goma-laca! e hei de inda mais, Senhor,
matar um grande galo preto em teu louvor!» —

Fez-lhe Fó o milagre. Oito dias depois,
assistia Hang-Tchêu ao enlace dos dois.
Revestida de branco — a côr do luto — a velha
estava radiante, a caraça vermelha
congestionada de prazer e de alegria.
E emquanto o poviléo em risadas se abria,
o nobre mandarim pensava no tesoiro
que o esperava em casa: onze mil peças de oiro!

N'essa hora Tsé-Nan, a pobre abandonada,
pungida pela dôr da ignóbil punhalada,
fugia da cidade e, n'um impulso doudo,
atirava-se ao rio. Enterrado no lôdo,

seu côrpo escultural não mais apareceu.
Porêm, no mesmo sítio, uma planta nasceu
cujo delgado hastil, á luz emfim chegando,
deu de si uma flor que ali ficou boiando,
branca e pura, ao sabor da viração do mar:
—a alma de Tsé-Nan, talvez, inda a chorar
o seu perdido afecto e a sua triste sorte!

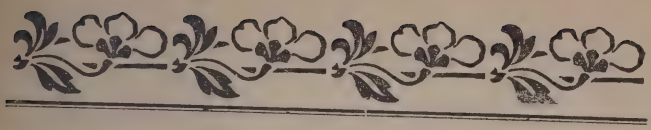
Assim se originou a flor do nenufar:
o símbolo do amor, e o símbolo da morte.

A história é triste, sim! mesmo sentimental.
Mas provoca tambem o sorriso... Afinal,
se bem que a China seja uma nação já velha,
inda o celeste império um pouco se assemelha
ao nosso Portugal.
Devemos confessal-o aqui a sós:
há portugueses que parecem chins
nas acções e nos modos singulares.
—Tambem por cá há muitas Kin-Su-Lós,
e muitos mandarins...

O que não há, porêm, é nenufares!

# As barbatanas

AO DR. ARTUR BIVAR.



# As barbatanas

Uma sereia encantada
viu um mancebo a pescar.
Ficou logo enamorada;
e que em mulher a mudasse
foi pedir ao deus do Mar.

Limpou-lhe Neptuno a face,
que de impaciência desmaia.
Tocou-lhe com o tridente,
—e eil-a mulher de repente,
nua, na areia da praia.

Estava atrás d'um rochedo
a roupa d'uma banhista.
Deu-lhe á sereia na vista,
e foi vestil-a em segredo.

Depois, na povoação,
buscando aquele que amava,
dentro de pouco alcançava
captivar-lhe o coração.

Casou... Mas o Deus da Água,
quando em mulher a mudou,
por engano lhe deixou
as barbatanas dorsaes.
E um dia em que, ardendo em frágua,
tinha a pobre adormecido,
viu-lhe o marido os sinaes
do peixe que tinha sido...

E deixou-a... Nunca mais
a triste, cheia de mágua,
tornou a ver o marido...

*

Há muita gente tambem,
n'estas terras lusitanas,

que consegue ser alguem
porque esconde muito bem
o seu par de barbatanas...

Por exemplo: uma mulher
bela e jóvem, cujo esposo
mal ganha para comer,
e anda de traje luxuoso,
vestida como se quer...
Não falta a nenhuma festa,
teatro ou funções mundanas...
Toda a gente a crê honesta,
inclusivè o marido...
—É que traz as barbatanas
por debaixo do vestido...

Negociante sisudo,
que esteve para quebrar,
e tem casa em Miramar
e um estadão de pasmar
com automóveis e tudo...
Honrado!... um homem de bem!...
Merecia ser visconde!
—Sabe Deus onde êle esconde
as barbatanas que tem!

Talentoso deputado,
que independente se diz,
e sobe em dia feliz
a secretário de estado...
Nada cumpre do que disse.
Pratica cada tolice
que deixa o país pasmado...
Cai ao fim de umas semanas
por entre imensa risota...
—Só então a gente nota
que êle tinha barbatanas!

E a mim, que digo poesias,
e a toda a gente entretenho,
hão de vossas senhorias
supôr-me um homem de engenho.
Há pouco mais de um momento
disse alguem aqui atrás:
—«*Sim senhor! Este rapaz*
*tem memória e tem talento!*»—
—Engano! Queimo as pestanas!
Trabalho como uma aranha!
Tambem tenho barbatanas!

Não há ninguem que as não tenha!

# A matemática

AO DR. VITORINO DE MAGALHÃES

# A matemática

*(O actor entra vestido de grande «toilette». Aspecto triste e acabrunhado. Desce vagarosamente)*

Emfim, tinha de ser!... Era fatal!...
Mas sinto dentro em mim o quer que seja
bradando, em voz potente e colossal,
que fuja d'ela... e que não vá á egreja.
É por certo a saudade d'esta vida
de solteirão, que eu vou deixar agora,
pondo na minha a mão da Margarida,
que desde hoje vai ser... minha senhora.

É a saudade d'êsse tempo amado,
da vida dos cafés, da *borga* emfim,
em que eu andava sempre *depenado*,
mas mais alegre e mais entusiasmado
que em dia de eleições um galopim
quando faz eleger um deputado.
Essa vida estouvada de boémio
de hoje em diante perdi-a.
Do consórcio na grande loteria
vou jogar... e oxalá que tire um prémio!

*(Pausa)*

Tem vinte anos. É bela, um pouco pálida,
como a alvorada das manhãs de abril,
e toma uma expressão ardente e cálida
quando me envolve n'um olhar gentil.
O pai é conselheiro... É um bom partido!
Já tenho ao menos quem me dê conselhos...
Devo passar a vida divertido
entre ela e os pais, um bom casal de velhos...
E quanto a *milho?*

*(Assobia)*

... O pai tem trinta contos...
de dívidas, uns fóros n'uma «ilha»,

um bom sorriso, e os braços sempre prontos
para abraçar quem lhe namore a filha.
Ela é bonita, é! Boa aparência,
cheia, elegante, braço gordo, a mão
alva e setínea como a flor da hortênsia
desabrochando em tardes de verão...
Emfim, um «bom bocado». Eu gosto das
mulheres deslumbrantes de beleza.
Lá por isso vou bem, isso vou, mas...
sabe falar tão pouco a língua inglesa!...
'Stava capaz de lhe dizer que não!
No fim de contas, é uma grande asneira
ir a gente ligar a sua mão
á d'uma jóvem, mesmo *conselheira*,
não tendo ela, ao menos... um milhão!

*(Passeia pensativo. Continuando:)*

E a causa d'isto — é uma coisa asnática! —
a causa d'isto... foi a matemática!
Não se admirem, que eu vou-lhes já contar
como foi que a sciência das sciências
me perturbou a ponto de casar.
Peço a atenção de vossas excelências.

Conheci-a n'um baile. Era estudante

então de matemática. E achei-a
galante, muito galante,
encantadora como uma sereia.
'Stava sentada junto da mamã,
olhos semi-cerrados, a sonhar,
branca e pendente, como um nenufar
imerso na frescura da manhã.
Fui convidal-a p'ra valsar comigo.
E então, ao enlaçal-a,
para travar conversa, apenas digo:
— « *Que lindo efeito produz esta sala!* » —
Ela volveu: — « *De facto, é singular*
*esta sala, de fórma «circular!»* —
E eu tornei, já com voz apaixonada:
— « *Era talvez melhor sendo «quadrada».*
*Talvez «oval» ... Não acha vocelência?*
*Ou gosta mais, talvez, da «circumf'rência?»* —
— « *Eu gosto mais.* » — disse ela, radiante
de graça virginal.
Eu contrapuz: — « *Eu gosto mais da oval,*
*acho mais elegante.* » —
Começou d'esta forma o nosso amor,
por uma discussão
geométrica... E eu — pobre sonhador! —
sentindo-me mais prêso da paixão,
chapei-lhe assim uma declaração:

— « *Se o peito fosse lousa e o olhar giz,*
*já eu lhe tinha escrito uma « equação »*
*de fácil « solução »,*
*onde o amor seria « egual a x... »*
*Creia que a amo com amor sincero,*
*imenso, formidável, « infinito »*
*como « um número inteiro sôbre um zero »,*
*mais alto que as « pirâmides » do Egito! » —*
— « *Que « hipérbole! »* — disse ela, sorridente.
E eu continuei: — « *Adoro-a, simplesmente!*
*É « incomensuravel » este amor*
*como a « raiz quadrada de vinte e um. »*
*Aspiro só a « termos », n'éste mundo,*
*o mesmo « divisor »,*
*um « divisor comum ».*
*Nunca senti encanto tão profundo!*
*Afecto assim nunca senti nenhum! » —*
Ela então respondeu, scépticamente,
com um tremor de voz involuntário:
— « *O seu amor, o que é... é « imaginário »*
*assim como a « raiz de menos um... » —*
Procurei convencel-a novamente.
Eloquente, falei, roguei, expuz-lhe,
em linguágem algébrica, a paixão
que um doido que há aqui dentro,

*(indica o lado esquerdo do peito)*

o coração,
sentiu por ela. Finalmente, puz-lhe
o caso em equação:
— « *Três sorrisos mais quatro olhares seus*
*egual a x. O x é o meu amor.*
*Crê vocência a equação certa?* » —
— « *Meu Deus!*
— disse ela rindo. — *Os homens mentem tanto,*
*e é homem, o senhor!* » —
Fitei-a com espanto.
Era uma « tangente » que ela achava
para não responder. E eu, hesitante,
achava já a conversa bem « secante » ...

Tornei ainda á carga. Finalmente,
ela exclamou, com trágicas maneiras:
— « *Pois bem! Eu creio que êsse amor ardente*
*tem « raízes ríaes e verdadeiras!* » —
E ao estender a mão, em despedida,
teve estas frazes cândidas e belas:
— « *No monótono « plano » d'esta vida*
*seremos duas « linhas paralelas!* » —

E assim principiou o namorico,
do qual conservo uma lembrança viva.

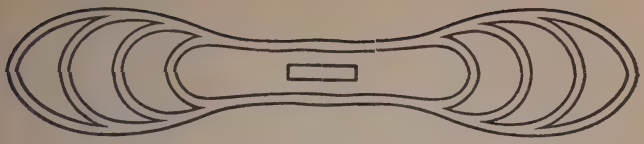
*(Desconsolado)*

O diabo é o pai d'ela ser tão rico,
que tem uma fortuna... «negativa»

Vamos «somar-nos» hoje em Setiaes;
vamos casar. Singela «operação»
da qual, quando as «parcelas» são eguaes,
resulta sempre... «multiplicação».
Quem sabe o «resultado» que afinal
tirarei d'esta «soma» malfadada?
Ás vezes, por engano n'um «sinal»,
vai a gente a tirar a «prova real»
e... «vinte e sete, noves fóra, nada»...

# História telegráfica

AO SNR. OLIVEIRA PASSOS.



# História telegráfica

Para me não demorar,
nem fatigar estas damas,
vou-lhes apenas contar
uma história em telegramas:

*

« *Porto — Hemetério Pessoa.*
Chegou algodão Bahia.
A praso. Transacção boa.
Venha. — *Glama & C.ª* »

—

«*Madame Elvira Pessoa,*
*Paranhos, quinta do Sério.*
— Parto rápido Lisboa,
Volto sábado. — *Hemetério.*»

—

«*D. Martinho de Altamira,*
*3, Rua da Boa-Hora.*
— Meu marido vai p'ra fóra.
Espera-me á noite. — *Elvira.*»

—

«*Actriz Palmira Estorninho,*
*travessa de S. Vicente.*
— Não posso ir hoje. Doente.
Desculpa. Beijos. — *Martinho.*» —

—

— «*H. Pessoa — Barredo.*
— Se é sincero no que diz,
venha. A seus rogos acêdo.
— *Palmira Estorninho, actriz.*»

—

« *Pampulha.* — *F. Glama, ou sócio.*
— Impossível ir Lisboa.
Façam sósinhos negócio
e guardem lucros. — *Pessoa.* »

*

Que ventura inebriante
gosaram Martinho e Elvira,
emquanto o negociante
se entretinha co'a Palmira!

Por seu lado, a Casa Glama
lançou mais fundas raízes.

. . . . . .

E ahi 'stá como um telegrama
fez seis pessoas felizes...

# A Repudiada

A ANTERO DE FIGUEIREDO.

# A Repudiada

Oito dias depois que chegara a Lisboa,
a espôsa de D. Pedro, herdeiro da corôa,
pela primeira vez saíu dos aposentos.
Caía a noite. Á luz de uns brandões fumarentos,
era soturna e triste a sala em que ela entrou.
Á sua aparição, tudo se levantou
— pagens, damas de honor, fidalgos e plebeus —
inclinando a cerviz e tirando os chapéus.
Uma donzela só, raquítica e franzina
— menos do que mulher e mais do que menina —
assentada ficou em meio do salão,
mãos ao longo do corpo, olhos postos no chão.

Vendo tal proceder inopinado e estranho,
franziu-se de Constança o calmo sobrecenho,
mas logo serenou, e um sorriso ligeiro
lhe veio iluminar o rosto feiticeiro.
— « *Certo, senhora, sois* — disse para a donzela —
*a nobre Dona Branca, infanta de Castela*
*e Aragão?* » — « *Essa sou* » — respondeu a criança,
n'um tom quási agressivo, e fitando Constança.
— « *Grande prazer e honra em conhecer-vos, prima,*
*e em vos manifestar a minha funda estima.* » —
E a expressão do seu rosto era bondosa e franca.

Foi a vez de sorrir, agora, Dona Branca,
riso que desmentia o seu olhar severo.

— « *Asinha nos deixaes?* » — « *Martim Portocarrero*
*fixou para ámanhã, pela tarde, a partida.* » —
— « *Sois ditosa: volveis á pátria estremecida,*
*á nossa hospitaleira e formosa Castela.* » —
— *Vós julgaes-vos feliz vivendo longe d'ela.* » —
— « *Deixarás pelo espóso os pais e a habitação* »,
*assim Deus o mandou.* » — « *Pedi a Deus então*
*que sempre ao vosso lar envie a sua benção.* » —
— « *Porventura pensaes?* . . . » — « *Penso o que todos pensam* ».

*— « Pedro ama-me. » — « Talvez... » — « Idolatra-me. » — « Creio:*
*a mais formosa flor tem o áspide no seio. » —*
*— « Sou p'ra o seu coração todo o amor, todo o bem. » —*
*— « Da mesma convicção partilhei eu tambem...*
*Por êle, como vós, depois dos esponsaes,*
*sem pena abandonei a pátria, o lar e os pais.*
*Amei-o mal o vi, adolescente e airoso,*
*e n'alma o aclamei meu amo e meu espôso.*
*Feliz, reconheci, se bem que nova ainda,*
*que êle me apreciava e me encontrava linda.*
*Amou-me? Não o sei. Pode-se lá dizer*
*se um homem como Pedro ama alguma mulher!*
*Volúvel, impetuoso, ardente e apaixonado,*
*o seu amor é fumo em breve evaporado.*
*Uma estrêla que nasce os olhos lhe extasia,*
*mas outra estrêla surge, — e logo o olhar desvia...*
*Ama-vos? Disse-o êle? A mim tambem m'o disse,*
*e a ambas foi sincero, embora nos mentisse.*
*Tambem eu me julguei intensamente amada,*
*fui quási sua espôsa, — e sou a Repudiada!*
*Parto. O tálamo seu, em lúbrico alvoroço,*
*meu corpo rejeitou, para aceitar o vosso.*
*Em vez de uma corôa e de um trono altaneiro,*
*espera-me em Castela a sombra de um mosteiro.*
*Senhora! Recebei o voto da noviça:*
*dentro de pouco, Deus ha de fazer justiça! » —*

Erguera-se, falando, a intrépida donzela,
e estava, no seu ódio, estranhamente bela!
Constança, turvo o olhar e o gesto contrafeito,
sentia um frio enorme a penetrar-lhe o peito.
Mas insidiosa, vil, ferinamente brava,
da Repudiada a voz, silvando, continuava:

— « *Alguem me vingará! Alguem um dia emfim*
*ha de ser para vós o que fostes p'ra mim!*
*Alguem ha de cravar no vosso peito amante*
*do ciume que me punge o espinho lancinante,*
*e por outra mulher, mais bela e sedutora,*
*desprezada sereis, como eu o fui agora!* » —

E o seu olhar febril, em gesto convulsivo,
na porta se fixou, cruel e vingativo.

*

Decotada, amostrando o colo de alabastro,
vinha entrando, e sorrindo, a esvelta Inês de Castro...

# Ninguem foge ao seu destino

*Ao grande paisagista portuguez*

ARTUR LOUREIRO.

# Ninguem foge ao seu destino

Dêem-lhe as voltas que derem,
e façam o que fizerem:
Homem, mulher ou menino,
quando vem a esta vida
traz a sina decidida...
—Ninguem foge ao seu destino!

Veio isto agora a propósito
do formidável banzé
que houve á porta d'um café
entre um alferes e o Lino.
Pelos modos, o alferes
namorava-lhe a consorte;

e vae o Lino, deu sorte...
Tolice!... Inda há quem se importe...
—Ninguem foge ao seu destino!

Eu cá, deixei de ser tolo.
Tinha vinte anos sòmente
quando amei ardentemente
a Loló, uma excelente
actriz do teatro Apolo.
Puz-lhe casa bem montada
com mobilia apilarada,
tudo do bom e do fino.
Um tal Ledesma, da Agrela,
viu-a em scena, gostou d'ela,
prometeu-lhe a mão de espôso,
e roubou-m'a, o libertino!
Julgam talvez que, furioso,
fui desancar a seresma
ou desafiar o Ledesma?
Ora adeus! Fiquei na mesma!
—Ninguem foge ao seu destino!

Depois resolvi casar.
Busquei senhora modesta,

de bôa familia, honesta,
que fosse um anjo do lar.
Casei... Não sei como diga
que sem esfôrço notei
que o démo da rapariga
já não era oiro de lei,
mas oiro de muita liga...
Tive uma mágua sincera;
quási fiz um desatino.
Mas perdoei-lhe... Pudera!
Antes de o ser, já o era...
—Ninguem foge ao seu destino!

Trouxe-me uns contos... Em suma,
p'ra tirar melhores juros,
meti o dinheiro n'uma
companhia de seguros.
Era um negócio excelente,
dizia-m'o toda a gente.
Mas um dia, estando ausente,
surge um «krak» repentino...
Lá se foi quanto juntei.
Pobre era, pobre fiquei.
Nem por isso me matei.
—Ninguem foge ao seu destino!

Vendo-me pobre, a mulher,
lamentando o seu consórcio,
apressou-se a requerer
esta coisa do divórcio.
Não fiz questão. Dentro em breve
ela abalou ... Deus a leve
e lhe arranje outro inquilino!
Fiquei desolado e só,
desgraçado como Job.
Que fiz? ... Tornei p'ra a Loló ...
— Ninguem foge ao seu destino!

E, agora, ao terminar,
parto com a consciência
de que consegui ganhar
umas palmas da assistência.
Mas, se em vez d'isso, a pateada
estalar desenfreada,
creiam que não me amofino.
Se agradar não consegui,
pateiem! batam p'ra ahi!
— Ninguem foge ao seu destino!

# Os três ratos

A CARVALHO BARBOSA.

# Os três ratos

N'uma adega de convento
habitava, satisfeito,
um ratazão corpulento
que tinha o grande defeito
de ser muito ciumento.

Era um rato vigoroso,
um esplendido animal,
esvelto, sem ser formoso,
mas grandemente zeloso
do seu brio pessoal.

Notara ele que a rata
com quem há anos vivia
andava inquieta, abstracta,
tal como se alguma gata
lhe fizesse bruxaria.

E, co'a pedra no sapato,
já não dorme nem repoisa,
pensando — e muito sensato —:
— «Anda aqui terceiro rato!
Não pode ser outra coisa!» —

Fremendo de inquietação,
desatou a procurar,
e vasculhou o carvão,
a tulha, a caixa do pão,
sem coisa alguma encontrar.

Só n'um armario visinho
deparou com um ratinho,
pequeno, ainda na infancia,
mas tão fraco e tão mesquinho
que lhe não deu importancia.

Pois era esse o malvado!
E uma tarde em que o marido
dormitava descançado,
acordou abandonado
porque os dois tinham fugido.

Largou atrás da raptada;
mas o raptor, sempre audaz,
virou-se a ele á dentada,
de fórma tão desusada
que o fez tornar para trás!

Forçado a ceder terreno,
de raiva os dentes rangeu:
—«*É estupendo, quasi obsceno,*
*que um ratito tão pequeno*
*possa e valha mais do que eu!*»

Anos depois da refrega,
e sendo o rato já velho,
quando, no fundo da adega,
o visitava um colega,
era fatal o conselho:

— «*Se um dia fizeres ninho*
— dizia sem arreganho —
*desconfia, meu velhinho,*
*de todo e qualquer ratinho,*
*e não olhes ao tamanho!*» —

*

Deves fixar na memoria,
leitor, a simples historia
que eu venho de te contar.
Abre os olhos, se és casado
e tens «chauffeur» ou criado
portas a dentro do lar.

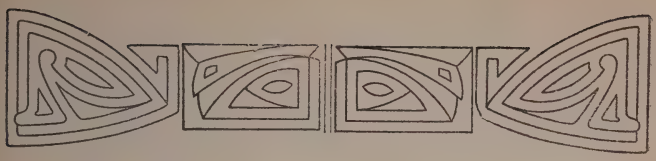
És nobre, rico, escorreito,
— um rato, enfim, de respeito
que aos mais ratos pede meças.
Mas ha ratas tão na lua!
E quem garante que a tua
não venha a ser uma d'essas?

Não durmas nunca! Vigia!
Olho álerta, noite e dia!
Rebusca todo o escaninho,
constantemente a lembrar-te
de que sempre em qualquer parte
pode esconder-se um ratinho!

E pois que as ratas de agora
são, muito mais que as de outrora,
levadas de Satanaz,
ninguem deve achar estranho
que um minúsculo murganho
deite a barra a um arganaz...

# A torre de Komor

*Ao espirito gentil de RAUL DE CALDEVILLA.*



# A torre de Komor

(Sobre um poema de Lecomte de Lisle).

A lua flutuava entre nuvens sombrias,
e, altiva, dominando as negras penedias
batidas pelo oceano, a torre de Komor,
do Jarle de Kemper, tornava-se maior,
erguendo na penumbra o perfil imponente.
Sob o açoite cruel do vendaval fremente,
crepitava o granizo; e aos golpes da rajada,
os glaucos vagalhões, em doida cavalgada,
vinham quebrar-se contra os panos da muralha.

Com os braços em cruz sobre a cota de malha,
do vetusto solar no mais alto aposento,
o Jarle passeava, ao clarão fumarento

de um archote de pez, — mudo e surdo ao fragôr
do tufão que sacode a torre de Komor.
É um homem velho já, mas inda vigoroso.
Medita, comprimindo o coração ancioso,
e uma lágrima astral, que funda mágoa arranca,
lhe desce pela face e busca a barba branca.
Na parede do fundo, um crucifixo enorme;
ao pé, uma campana; e sobre um cepo informe
uma espada brilhando ameaçadoramente.
— « *Frei Guy* — monologou o Jarle, impaciente —
*leva tempo a cumprir a sua comissão!* » —
E, dizendo, dobrou os joelhos no chão,
perante o Cristo exangue, e orou com humildade.

Ouviu-se perto o som de sandálias. Um frade
mostrou á porta o rosto esguio e macerado.
— « *Nobre Komor!* — bradou. — *Cumpri o teu mandado,*
*e o de Deus. Mas consente ao pobre monge, agora,*
*que te peça o perdão d'essa infeliz senhora!* » —
— *Frade! Basta! É de mais! Deve morrer sem dó*
*quem, faltando á palavra e desprezando o nó*
*dado perante o altar, traiu o meu afecto.*
*Mas não será de um servo, ou de um carrasco abjecto,*
*a mão que ha-de fazer justiça soberana.* —
— « *Sire! Perdôa!* » —

— *Sae!*—

E bateu na campana
três vezes com a mão, sem desfitar o monge.

O sinistro tinir ecoou, perdeu-se ao longe,
do extenso corredor na confusa arcaria.
Frei Guy partiu. Lá fóra o vendaval gemia,
e o mar, sem desistir do secular duelo,
abalou com mais força os muros do castêlo.
Depois, silencio... Emfim, uma mulher formosa,
de longas tranças de oiro e faces côr de rosa,
desbotadas agora, ergueu o reposteiro
e entrou, pisando, esvelta, o mosaico grosseiro.
Ela viu, sem tremer, quasi que indiferente,
o cepo, o crucifixo, a espada refulgente,
e, calada, esperou diante do seu senhor.

O Jarle estremeceu, cheio de ódio e de amor,
cingiu-a n'um olhar irado e sanguinario
e disse: — *Vaes morrer, Tiphaine! É necessario!* —
— « *Sire Jarle! Que Deus vos proteja! Estou pronta*
*a lavar com meu sangue a nódoa de uma afronta.*
*Confessei-me, rezei a Cristo e á Virgem-Mãe:*
*matae-me sem temor, se assim o haveis por bem.* » —

*— Tiphaine! Foste indigna e foste refalsada,*
*mentindo sem pudor, faltando á fé jurada,*
*manchando teus avós e conspurcando os meus.*
*Teu flagicio sem nome ofende ao mundo e a Deus.*
*Pede-lhe, uma vez mais, perdão para o teu crime.*
*Só o arrependimento as culpas nos redime.*
*Pois que muito sofri, posso esperar ainda! —*

Tiphaine ajoelhou, mais pálida e mais linda,
e resou longamente ao Deus excelso e forte.
No cepo reluzia a lâmina de morte,
e o archote juntava o seu grito cruento
ao tumulto do mar e aos gemidos do vento.

E Tiphaine caíu n'um sonho perfumado,
evocando a visão saudosa do passado.
Viu-se no lar paterno, inda moça e menina,
correndo, descuidada, a múrmura campina.
Viu-se, mais tarde, amando: um amor de criança,
mas tão cheio de fé, tão rico de esperança,
que fez da sua alma um templo todo em festa.
Depois, a desventura: uma união funesta,
o austero e velho esposo, há muito encanecido,
em lugar do mancebo amado e estremecido,

que um dia se partira a combater na guerra,
e lhe disseram morto. A volta, emfim, á terra,
do jovem companheiro... A luta persistente
travada no seu peito, entre a paixão ardente
e o rigido Dever... — luta infrene! E afinal,
a irreparavel queda, inconsciente e fatal.
Tudo acabou! Um dia, o garboso Cruzado
n'uma emboscada atroz, caira apunhalado.
Podem tambem matá-la a ela... Que lhe importa?
Matarão simplesmente uma mulher já morta,
— morta quando morreu o seu perdido amor...

— *Levanta-te, mulher!* — disse o velho Komor. —
*Brilha emfim na tua alma a luz da contrição?*
*do teu nefando crime arrependes-te?* —
— «*Não!*
*Esse homem que eu amei, e choro com saudade,*
*amo-o ainda! hei-de amá-lo em toda a eternidade!*» —
— *Vaes morrer na impureza e no pecado, pois,*
*e Deus te julgará... nos julgará aos dois!* —

Tiphaine levantou de sobre os hombros nus
o seu cabelo de oiro; olhou a enorme Cruz,
e poisou sobre o cepo a fronte desmaiada.
No ar soturno vibrou, relampejando, a espada,

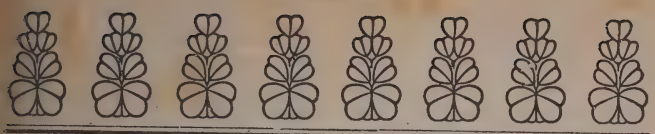
caíu, de um golpe só, no colo de alabastro,
— e a cabeça rolou, deixando empós um rastro
de intenso vermelhão...

Komor, n'um gesto lento,
prendeu na mão esquerda o despojo sangrento,
tomou o frágil corpo em cheio no antebraço,
subiu, sem trepidar, os degraus do terraço,
e projectou no abismo a misera Tiphaine.
Depois, olhando o céu, magestoso e solene,
persignou-se. E, tal como um juiz inclemente
que a si proprio se julga inexoravelmente,
de pé sobre os creneis batidos da procela,
deu um salto buscando a mesma vaga, aquela
que em seu seio acolhera a adorada mulher...

Assim morreu Komor, o Jarle de Kemper.

# As águas de Vizela

AO DR. JOSÉ FIGUEIRINHAS.



# As águas de Vizela

São de muita virtude as águas de Vizela.
O ar é lavado e puro, a paisagem é bela,
e as águas mineraes
são — a sciencia o diz — de uma grande eficacia
em dermatoses, raquitismo, osteomalácia
... e muitas coisas mais.
Mas produzem, ainda, um singular efeito
que ha tempos descobriu, por acaso, um sujeito
chegado do Brasil com a esposa: homem novo,
e ela nova tambem;
ambos robustos, sãos, oriundos do povo,
filhos de raça forte, e amando-se. Pois bem:

apesar de casada há muitos anos já,
a exuberante flôr dos plainos do Ceará
inda não era mãe.
Vindos a Portugal em viagem de recreio,
foram até Vizela, um dia, de passeio.
Apertava o calor. Ela tomou um banho,
e logo dentro em si sentiu algo de estranho.
Nove meses depois dava á luz um menino,
uma criança bela,
a atestar o poder magnifico e supino
das águas de Vizela.

*

Contente como um rato, uma tarde, em Lisboa,
contou o brazileiro ao Macário Pessoa,
rico negociante, o caso extraordinário
que o fizera papá. Ora o velho Macario
vivia n'um «chalet» p'ra as bandas do Arieiro
com duas filhas só e um genro, seu caixeiro.
Macário era um sujeito
que seria feliz e sempre bem disposto
se não tivesse a roer-lhe o âmago do peito
um profundo desgosto.

Toda a sua ambição, verdadeira loucura,
era ter um nètinho
que lhe florisse em riso o resto do caminho
até á sepultura,
que fosse o seu herdeiro, e continuasse um dia
a Firma comercial «Macário e Companhia».
Mas a filha casada
via passar um mês, mais outro mês... e nada!
E o velhote, odiando a filha e o próprio genro,
desesperava já, triste e desiludido,
de ver desabrochar esse pimpolho tenro
no seu vetusto tronco, anoso e ressequido.

*

Ouvindo o brazileiro, arrebitou a orelha
e murmurou baixinho:
— «*É Deus que pela voz d'este homem me aconselha!*
*Partamos para o Minho!*» —
Oito dias depois, Macario e a parentela
chegavam a Vizela,
e á noite, no Casino, entre duas quadrilhas,
o velho apresentou-me ao genro e ás duas filhas.
A casada era linda. A solteira era bela.
Porque não são eguaes estes dois adjectivos:
ser belo é ser gentil; ser lindo é ser gracioso.

Tinha a casada, sim, talvez mais atractivos,
mas o rosto da irmã era bem mais formoso.
Foi no Parque, uma tarde, á sombra de um chorão,
que Macario me disse
o que o levara ali. Eu tive compaixão
do pobre avô *manqué*, mas ri-me da tolice.
E a ilustre Baronesa
do Paço de Gondar, que estava a nosso lado,
disse-me horas depois á porta da Havaneza:
— « *O Macário, coitado!*
*lembra um sebastianista á antiga portuguesa*
*esp'rando o Desejado!* » —

*

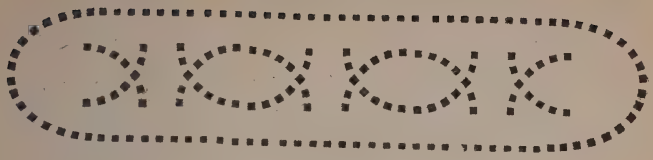
Tempos depois, porém,
certa manhã de abril, entregou-me o correio
uma carta do velho. Abro, desdobro, e leio:
« A minha filha está em vésp'ras de ser mãe!
« Milagre sem egual d'aquelas santas águas!
« Sou venturoso emfim, sem penas e sem mágoas!
« Dê-me um abraço, amigo! »
E dei-lh'o, de vontade,
n'um telegrama enorme, escrito um pouco á tôa,
comungando tambem na imensa f'licidade
de Macario Pessôa.

*

Passei no v'rão seguinte uns dias em Lisboa,
e andava no Estoril flanando á beira-mar,
quando me defrontei co'a nobre Baronesa
do Paço de Gondar.
— « *Que agradavel surpreza!* » —
— *Agradavel p'ra mim, como você presume.* —
— « *O barão, o pequeno e a mamã, todos bem?* » —
as frazes triviaes, em suma, que conveem,
e são de uso e costume.
— « *Vae a Vizela este ano?* » —
— *Ah! Decerto!* —
— « *E o Macario,*
*não faltará, suponho.* » —
— *O Macario!* — fez ela,
n'um gesto de tristeza. — *O pobre visionario!*
*Esse não volta mais ás Caldas de Vizela.* —
— « *Morreu?* » —
— *Leva uma vida agreste e atribulada.* —
— « *Supunha-o venturoso, alegre e satisfeito,*
*convicto de que emfim as águas tinham feito*
*o grandioso milagre á filha que é casada.* » —
E a Baroneza, a rir, córando um quasi-nada:
— *Fizeram! Mas o peor foi que, de egual maneira,*
*o fizeram tambem — um desastre! — á solteira...*

# Cheiro de santidade

A DELFIM GUIMARÃES.



# Cheiro de santidade

(ANEDOTA ESPANHOLA)

O juiz Tomás David,
austero fiscal da lei
junto a Castelo de Vide,
foi chamado por el-rei
Filipe Quarto a Madrid.

Partiu. Era a vez primeira
que o doutor se separava
de Dona Urraca Taveira,
verdadeira fera brava,
sua espôsa e companheira.

Fez a cavalo a viagem,
e, chegado á capital,
pediu a um «concejal»
que lhe indicasse hospedagem.

Volve o outro, com malícia
e modos muito discretos:
— «*Tiene usted Dueña Maurícia,*
*calle de los Recoletos*».

Crédulo, o austero juiz
buscou a casa indicada.
Ai! pobre Urraca infeliz!
Que sina te está guardada!

D. Maurícia era bela,
moça, ardente como o lume,
e usava sempre um perfume
que enchia o ar atrás d'ela.

Tomás David, que nunca
defraudara o matrimónio,

mal penetrou na espelunca,
prendeu-se na garra adunca
d'aquele vivo demónio.

Ao quinto dia, acordando
do desvario fatal,
largou p'ra a rua, buscando
o velho alcácer real.

Foi logo, sem mais detença,
levado á régia presença.

Mas, por onde êle passava,
não sei qual a sensação
que o magistrado causava,
que toda a gente ficava
a farejar como um cão.

E ao beijar a mão dos reis,
de joelhos, como convinha,
— *Que rico cheiro trazeis!* —
disse o rei mais a raínha.

De face ruborisada,
fronte no seio inclinada,
como quem as leis transgride,
correu p'ra outra pousada
o doutor Tomás David.

Mudou de roupa; lavou-se;
com cal e areia esfregou-se...
Mas quando desceu a escada,
— *Que belo cheiro!... tão doce!...* —
murmurou uma criada.

Montou David a cavalo,
de regresso a Portugal.
Passando no Escurial,
cheirava que era um regalo!

A gente de Talavera,
onde chegou com a aurora,
teve a convicção sincera
de que êle era a Primavera
disfarçada em juiz-de-fóra.

E emfim, transpondo a fronteira,
logo ouviu dizer assim:
— *Que bem que este velho cheira!*
*Não há rosa nem jasmim*
*que cheire d'esta maneira!* —

— « *Perdido!* — disse em voz fraca
o pobre lança-perfumes. —
*Se assim chego á minha Urraca,*
*enche-se de taes ciumes*
*que decerto me escavaca!*
*Antes a morte, em castigo*
*do meu torpe desvario!* » —

E zás! arrojou comsigo,
de bôrco, ás águas do rio...

*

Mais de um mês era passado
quando foi emfim pescado
por um barco em Santarem.
Corre o povo, curioso,
a ver o caso espantoso
de um morto que cheira bem.

Veem dezenas de beatas,
gritando, como insensatas
— ó simples credulidade! —
Com o defunto em cortejo,
largam da margem do Tejo
'té ao centro da cidade.
E foi geral, e sincera,
a fé de que êle morrera
em cheiro de santidade...

Só um ourives judeu,
que conhecera Maurícia
quando em Madrid viveu,
disse comsigo: — « *Estultícia!*
*Ao que êle cheira... sei eu!* » —

# O "flirt"

AO DR. FRANCISCO VELOSO.

# O "flirt"

O «flirt»!...
O «flirt», inovação recente,
é uma coisa muitissimo inocente.

Como a palavra é ingleza, e um pouco estranha,
ha quem lhe ignore a significação,
incluindo os naturaes da Gran-Bretanha,
que nunca tal fizeram nem farão.

Porque o «flirt» é francês. E é á francesa
que tem maior virtude e mais sabor.

Há tambem quem o faça á portuguesa,
porém na tradução perde o valor.

O «flirt», como afirma toda a gente,
é uma coisa muitissimo inocente.

Uma senhora encontra um indivíduo.
Gosta d'êle. Ele d'ela. Ambos casados,
sabem que o amor é fruto prohibido,
e começam um «flirt», entusiasmados.

Procuram-se a miudo, e, conversando,
trocam palavras cheias de candura.
Entrelaçam as mãos de quando em quando,
e fitam-se, sorrindo com ternura.

O «flirt» é tudo que ha de mais decente,
é uma coisa muitissimo inocente.

Passados dias, já um beijo aflora
aos lábios de ambos... E ressôa um beijo...

Scintila-lhes nos olhos o desejo...
Ele torna-se pálido... Ela cora...

— *Isso é amor!* — dirá talvez alguêm —
*Amor à antiga, impuro e sensual!* —
Perdão! Se fosse amor — sabem-n'o bem —
seria deshonesto e trivial.

Mas como «flirt» é *chic;* e é, realmente,
uma coisa muitissimo inocente...

# O amor

A AMANDIO SILVA.

# O amor

I

Quando a mulher tem quinze anos,
e á luz das manhãs radiosas
abre as pétalas mimosas
como enigmática flor,
— toda cheia de ilusões,
de crenças, de aspirações
e de virgíneo pudor,
no casto leito de linho
sonha e murmura baixinho:

*(Ingenuamente, com curiosidade, quási interrogando)*

— « O amor? ... » —

II

Aos vinte, já mulher feita,
mixto de arcanjo e de esfinge,
um vago enleio lhe tinge
as faces de almo rubor.
Sonha ainda? Certamente.
Mas já, inquieta, pressente
não sei que incógnita dôr.
E ao clarão do luar amigo,
quantas vezes diz comsigo:

*(Com uma expressão sonhadora, pondo na frase toda a sua alma)*

— «O amor!...» —

III

Trinta anos. Em perfeita
maturação, a experiência
murchou-lhe a flor da inocência,
perdeu o antigo candôr.
Amou. Sofreu. Entregou-se.

Sorveu o néctar mais doce
que tem mais fundo amargor.
E n'um grande desencanto,
soluça, por entre o pranto:

*(Reflectindo no rosto uma profunda decepção, e dando à voz um tom de dolorosa ironia)*

— «O amor!...» —

IV

Aos quarenta, se ao espelho
a cabeleira desata,
ao ver uns fios de prata
vibra de intenso pavor.
Amando sofre-se, é certo.
Mas não há n'êste deserto
um vergel mais seductor.
E é n'um desespero fundo
que ela grita, a si e ao mundo:

*(N'uma grande anciedade, com mágua e desespêro)*

— «O amor!!!» —

V

Passa agora dos sessenta,
e os seus doridos olhares
com mágua buscam os pares
que se amam, cheios de ardor.
Tambem ela, no passado,
dos beijos de um ser amado
provou o grato sabor...
É tão linda a mocidade!
Tão belo o amor!... Que saudade!

*(Com muito enternecimento e unção quási religiosa)*

— «O amor!...» —

# INDICE


| | PAG. |
|---|---|
| O que faz a miopia | 9 |
| Nunca mais! | 17 |
| Amor de artista | 23 |
| Os gatos | 31 |
| A três quartos | 39 |
| Outros tempos! | 47 |
| O Cid | 59 |
| O alardo da Vilariça | 65 |
| O doutor Pangloss | 73 |
| A doença da Luzia | 79 |
| O nenufar | 85 |
| As barbatanas | 93 |
| A matemática | 99 |
| História telegráfica | 109 |
| A Repudiada | 115 |
| Ninguem foge ao seu destino | 121 |
| Os três ratos | 127 |
| A torre de Komor | 135 |
| As águas de Vizela | 143 |
| Cheiro de santidade | 150 |
| O «flirt» | 159 |
| O amor | 165 |

# ERRATAS

| *Pags.* | *Linhas* | *Em vez de:* | *Leia-se:* |
|---|---|---|---|
| 20 | 2 | nunca mais | nunca mais! |
| 46 | 16 | estrapiscando-as | catrapiscando-as |
| 69 | 1 | anima antiga | anima a antiga |
| 130 | 11 | Tremendo | Fremendo |

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE
LIVRO NAS OFICINAS TIPOGRA-
FICAS DA LIVRARIA CIVILISAÇÃO,
* * EM 21 DE JULHO DE 1924 * *

# Livraria e Imprensa Civilização

**75, Rua das Oliveiras, 77 — PORTO**

## João Paulo Freire (Mario)

*Homens do meu tempo* (impressões psychopathologicas. Notas ineditas e dados bibliographicos) . . 10$500

## Eduardo de Noronha

*A Marqueza de Chaves* . . 10$500
*Em redor de Africa* . . . 10$500
*Pina Manique*. . . . . 10$500
*Com os olhos na Patria* . 15$500

## Campos Monteiro

*Os Lusiadas anotados e parafraseados* (enc.). 6.º milhar. . . . . 20$500
*Versos fora de moda*, 2.ª edição. . . . . 4$500
*Musa Irónica* (monólogos e contos em verso). 2.ª edição . . . . . 8$500
*A oito dias de vista* (crónicas) 8$500
*A Promessa* (peça em 1 acto, em verso) . . . . . 2$550
*Miss Esfinge*, 6.º milhar (novela) . . . . . 10$500
*O crime d'uma mulher honesta*, drama em 2 actos 2$550
*Saude e Fraternidade*, sátira politica. 20.º milhar . 10$500
*Moeda corrente*, crónicas e contos. 4.º milhar. . . 10$500
*Quando se amava assim*, peça em 3 actos . . . 8$500
*Camilo Alcoforado* (no prelo).

## Antonio Claro

*Memorias de um Vencido*, br. . . . . 10$500

## José Agostinho

*As Noites do Avôsinho*—Belezas da Historia de Portugal em 5 vol enc. . . 60$500
*A' Roda de Portugal*, 2 vol. 20$500
*A Chave dos Lusiadas*, prefaciados, parafraseados e anotados, enc. . . . 20$500

## Orison Swett Marden

*A Alegria de Viver*, tradução portuguesa (2.ª edição) br. 7$00, enc. . . 11$500
*Milagres do Amor*, tradução portuguesa, br. 7$00, enc. 11$500
*O Sucesso pela Vontade*, br. 7$00, enc. . . . . 11$500
*A Influencia do Optimismo e da Alegria na Saude Fisica e Moral*, tradução portuguesa. . . . . 5$500

## Etiénne Marcel

*A Avó*. . . . . 10$500

## Paulo Bourget

*Coração enamorado não sabe para onde vai* . . . 10$500

## Silva Tavares

*Rosario de Rimas* . . . 10$500
*Mais cantigas* . . . . 10$500

## Colecção A. Figueirinhas

(Para as crianças)

N.º 1 *Velhos con os gregos*
» 2 *Três contos de Andersen*
» 3 *Contos Escandinavos*
» 4 *Velhos contos ingleses*
» 5 *Contos meridionais e Fabulas de Esopo*
» 6 *Contos de Grimm*
» 7 *O vale magico*
» 8 *Os serões das crianças*
» 9 *Jack, o gigante assassino*
» 10 *O vale magico*

Cada volumesinho. . . . 2$500

## Antonio Sardinha

*A Aliança Iberica* (Antedentes & Possibilidades. . . 20$500

## M. L'Abbé F. Méchin

*Flores e Espinhos ou Virtudes e Defeitos*. . . . 8$500

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
*0000483721*